
ARTIGOS

Persp. Teol. 19 (1987) 9-26

"E PROCURAVA VER QUEM ERA JESUS..."

Análise do sentido teológico de "ver" em Lc 19,1-10

Jaldemir Vitório S.J.

A questão do "ver" ocupa, em Lc 19,1-10, um posto relevante. O verbo *horaô* (ver) é usado três vezes na perícope nas formas *idein* (v.3), *idê* (v.4), *idontes* (v.7). A interjeição *idou* (eis), derivada de *idein* (ver), aparece nos vv. 2 e 8. Ao mesmo campo semântico pertence *anablepsas* (olhando para o alto) (v.5). Todos os personagens da perícope "vêem". Zaqueu tem um grande desejo de ver quem é Jesus. Para isto, corre e sobe num sicômoro para poder "vê-lo". Jesus "olha para o alto" e "vê" Zaqueu "olhando-o". A multidão, por sua vez, "vê" Jesus entrando na casa de um pecador para entreter-se com ele. Existe um verdadeiro entrelaço de olhares — de cima para baixo, de baixo para cima, de igual para igual — e olhares de várias qualidades — de curiosidade, de indignação, de censura, de misericórdia, de solidariedade. Pode também ser discernido um olhar do narrador que descreve a cena e a propõe ao olhar do leitor¹.

Analisaremos Lc 19,1-10, do ponto de vista narrativo, concentrando nossa atenção nos personagens da perícope, procurando explicitar como, para cada um deles, se aplica o tema da "visão".

I. ZAQUEU

(a) Zaqueu é um "homem rico" desejoso de "ver quem é Jesus" — "procurava ver quem é Jesus", *ezêtei idein ton lêsoun tis estin* (v.3). Ao elemento riqueza, Lucas acrescenta uma outra faceta deste homem de "baixa estatura", importante para compreender sua condição social: era *architelônês* — "chefe dos cobradores de impostos" (v.2)².

A dupla repetição de *autos* (ele) no v.2, mostra-se redundante

¹ Lucas emprega um rico vocabulário referente ao verbo "ver" — *horaô* — *idein* — *theôreô* — *theaomai* — *anablepô* — *epiblepô*. A questão do ver parece ser também relevante em Lc 1,15-20; 2,25-32; 9,7-9+23,6-12; 9,28-36; 23,47-49; 24,13-35, etc.

² *Architelônês* é *hapax* (ocorre uma única vez) no Novo Testamento. Trata-se de um título oficial cujas funções não conhecemos com precisão.

quando teria sido possível dizer, simplesmente, “e ele era chefe dos cobradores de impostos, rico”, evitando a acumulação de *autos*. Desta forma, no início da perícopa, evita-se estabelecer relação, por exemplo, de tipo causal, entre *architelônês* (chefe dos cobradores de impostos) e *plousios* (rico). As partículas *gar* (pois, de fato) ou *hoti* (porque) teriam podido servir a este propósito. “Era rico porque era chefe dos publicanos”, ou então “Era chefe dos publicanos; era, pois, rico” seriam outras possíveis caracterizações de Zaqueu. Os publicanos eram conhecidos por se enriquecerem às custas de extorsão na cobrança de impostos.

Uma coisa é certa: Lucas considera Zaqueu apenas sob o aspecto econômico-social. Isso será de grande importância na sucessão dos fatos. O autor poderia ter frisado o aspecto religioso, por exemplo, o fato de Zaqueu ser pecador e insubmisso às leis religiosas de seu povo; ou o aspecto político-religioso, caracterizando-o como membro de uma das muitas tendências político-religiosas da época.

A condição social de Zaqueu e sua condição econômica estão em estreita conexão. Sua riqueza, provavelmente, proviria de sua função de chefe dos publicanos. O fato de ser chefe — intermediário entre os publicanos e os dominadores romanos — possibilitar-lhe-ia ser conivente com a fraude praticada pelos seus subordinados, ou seja, “não ver” o roubo cometido contra o povo, como também, aproveitar-se desta prática em benefício próprio, isto é, “ver-se só a si mesmo”, seus interesses e conveniências. Daí sua condição de *plousios* (rico)³.

O texto apresenta Zaqueu *impotente* (“não podia” - v.3) para satisfazer seu desejo de ver quem é Jesus, apesar de sua condição de

³ Lucas, no seu Evangelho, não é nada complacente para com os ricos. O vocábulo *plousios* aparece 11 vezes em Lc e apenas 3 vezes em Mt e 2 vezes em Mc. Duas vezes Lc usa o verbo enriquecer (*ploutein*), ausente em Mt e Mc. Em Lc 1,53, “Mariam” (1,46) profere uma palavra profética, segundo a qual o Senhor “despedirá, de mãos vazias, os enriquecidos (*ploutountas*)”. No discurso da planície, Lc contrapõe, à série de bem-aventuranças (6,20-23), uma série de maldições contra os ricos (6,24-26). Na parábola de 12,16-21, o evangelista fala de um rico insensato “não enriquecido para Deus” (*mê eis theon ploutôn*). Jesus aconselha a não convidar os ricos para “almoço ou jantar” (14,12). O rico, incapaz de ver o pobre Lázaro à sua porta, acaba no inferno (Lc 16,19-31). O jovem “muitíssimo rico” (*plousios sphodra* Lc 18,23; Mt 19,22 e Mc 10,22: possuidor de muitos bens — *echôn ktêmata polla*) vira as costas à proposta de Jesus (Lc 18,22) dando margem à afirmação do Mestre, segundo a qual os possuidores de riqueza (*chrêmata*), com dificuldade entrarão no Reino de Deus (Lc 18,24s). As vultosas ofertas lançadas no tesouro do Templo, pelos ricos, são privadas de valor (Lc 21,1ss). — Apresentando Zaqueu como *plousios*, Lucas indica tratar-se de uma pessoa da pior espécie, sem grande possibilidade de obter salvação.

chefe e rico, e *sem privilégios* diante da multidão, quando, em geral, para os ricos, abrem-se alas e são garantidos os melhores lugares. O "querer" contrapõe-se, neste caso, ao "poder". Zaqueu "quer ver" mas "não poder ver"⁴. Sua condição sócio-econômica era insuficiente para viabilizar seu desejo. A este aspecto desfavorável, contrapõe-se a firmeza de sua decisão de ver quem é Jesus. Para realizá-la, Zaqueu lançará mão de todos os recursos disponíveis.

A qualidade do desejo de Zaqueu está expressa na partícula *tis* (quem?). Lucas poderia ter dito: "e ele procurava ver a Jesus", *kai ezêtei idein ton Iêsoun*. A frase explicitaria o objeto do desejo de ver, mantendo-o contudo no nível de superficialidade compatível com o olhar de quem pretende ver Jesus rodeado pela multidão. O *tis* (quem) introduz um elemento novo, relativo à identidade de Jesus. O conhecimento de Jesus, sua fama, talvez alguns de seus ensinamentos e feitos extraordinários não bastavam para Zaqueu. Ele pretende ir além e ver "quem é Jesus".

Eis uma questão delicada: é possível "ver" quem é alguém, sua identidade? O ser profundo de uma pessoa pode ser penetrado pelo olhar de outrem, sem haver profunda comunhão interpessoal? Por outro lado, o ser profundo é visto com os olhos ou é sentido com o coração? Basta ver alguém para saber quem ele é? É, pois, viável o desejo de Zaqueu? Se Zaqueu estava em sérios apuros para "ver" a exterioridade de Jesus, por causa de sua baixa estatura física, quanto mais difícil seria ver a interioridade de Jesus, dada sua baixa estatura moral. O desejo de Zaqueu só poderia ser viabilizado na medida em que Jesus lhe oferecesse uma possibilidade de contato pessoal e lhe revelasse algo de sua intimidade. Tal situação cria no leitor enorme expectativa, tanto a respeito de Zaqueu quanto a respeito de Jesus. Zaqueu realizará seu desejo ou será frustrado? Jesus permitir-se-á revelar algo de si a um homem da espécie de Zaqueu? O que acontecerá? Sem a participação de Jesus, Zaqueu jamais poderá realizar seu desejo. Só Jesus poderia revelar-lhe o seu *tis* (quem)⁵.

(b) Lc 19,3 limita-se a dizer que Zaqueu "procurava ver quem era Jesus", silenciando vários elementos, possivelmente interessantes

⁴ A relação *querer-poder* aparece também em Lc 1,22; 5,12-13; 8,19-20; 9,24; 13,34; 16,26, etc.

⁵ O problema da identidade de Jesus aparece, de vários modos, ao longo do evangelho de Lucas. Com a expressão *tis estin*, encontramos em 5, 21; 7, 49; 8, 25; 9, 9; 10, 22; cf. também 9, 18.20.

para pintar a cena com cores bem realistas. Lucas furta-se de dizer de onde nasce em Zaqueu o desejo de ver a Jesus: já ouvira falar dele? estivera em algum outro lugar ao mesmo tempo em que Jesus passava por lá? Ou então, por que Zaqueu queria ver quem é Jesus: simples curiosidade? O alvoroço da turba ter-lhe-ia suscitado este desejo? Teria algo de mais profundo na procura de Zaqueu? A omissão desses elementos seria simples indício de que são secundários?

O imperfeito do indicativo do verbo *zêteô* (procurar) deixa em aberto a questão sobre quando Zaqueu começou a procurar ver quem era Jesus. Esta procura começa quando Zaqueu vê Jesus aproximar-se rodeado pela multidão ou ele já procurava ver quem era Jesus muito antes, numa tentativa de realizar um desejo inconfessado, nutrido há algum tempo? O contexto sugere ter sido algo do momento, colocando em paralelo *diêrcheto* (atravessava — v.1) e *ezêtei* (procurava — v.3). As ações são concomitantes. Todavia, não se pode excluir a existência de um sonho longamente acalentado, nem o fato de Zaqueu ter feito antes outras tentativas, frustradas por causa de sua baixa estatura.

Sem dúvida, “procurar ver quem é Jesus” era fundamental na vida de Zaqueu. Caso contrário, teria evitado submeter-se ao ridículo para satisfazer seu desejo.

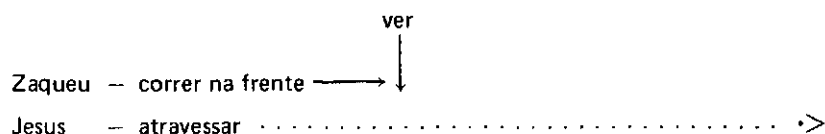
(c) O “baixinho rico” vê-se obrigado a remediar sua baixa estatura e sobrepor-se à turba. O belo sicômoro, plantado à beira do caminho por onde Jesus “estava para atravessar” (v.4), serve bem a este propósito. Porém, como alcançá-lo, senão ultrapassando a multidão numa corrida desenfreada? Lucas usa uma expressão redundante para descrever a cena — *prodramôn eis to emprosthen* (v.4). Traduzindo, literalmente, teríamos: “correndo adiante na frente”. *Eis tō emprosthen* é uma idéia já contida em *prodramôn*. Esta linguagem redundante poderia sublinhar a firmeza da decisão de “ver quem é Jesus” e a presteza na execução daquilo que parece ser o único meio de realizá-la. O *hoti* (pois) do v.4, sem explicar o porquê da redundância, explica o porquê do fato de correr. Jesus “estava para atravessar” e qualquer atraso poderia ter impossibilitado Zaqueu de vê-lo⁶.

Zaqueu coloca-se numa excelente posição para “ver” a Jesus — *do alto*, com visão garantida, sem correr o risco de ser perturbado por

⁶ O duplo uso do verbo *dierchomai* (atravessar), nos vv. 1 e 4, evidenciam, a nível lexicográfico, os limites da primeira parte da perícope. Nesta primeira parte, Jesus é introduzido, discretamente, na sua ação de atravessar Jericó e, de Zaqueu, faz-se a apresentação de seus traços característicos, seu firme desejo de ver “quem é Jesus” e o expediente usado para superar sua limitação física.

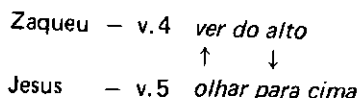
alguém; *com o anonimato assegurado*, pois a multidão, preocupada em "ver" o Mestre, nenhuma atenção daria a quem estivesse sobre a árvore. De fato, é Jesus quem descobre Zaqueu sobre o sicômoro.

O v.4 apresenta os personagens em movimento: Zaqueu apressado para se antecipar aos demais, e Jesus, acompanhado pela multidão, em vias de passar por onde Zaqueu se encontrava. Os movimentos dirigem-se para uma convergência de caráter visual, sendo desnecessária a convergência física, pois seria possível ver de longe, como pretendia Zaqueu. O narrador prepara assim o espaço onde o "olhar" de Zaqueu pudesse incidir sobre Jesus, ou seja, o ponto de encontro visão-objeto. No projeto de Zaqueu, os dois movimentos deveriam correr paralelos somente por alguns instantes, aqueles necessários para lançar um olhar furtivo sobre Jesus. O texto é omissivo sobre um possível projeto de Zaqueu de seguir a Jesus. Ele queria apenas "vê-lo" e, para isso, subiu ao sicômoro (v.4).

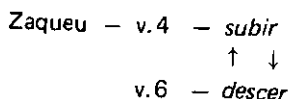


(d) O v.5, de certo modo, quebra a linearidade da narração. O texto poderia ter continuado assim: "Tendo Jesus passado sob o sicômoro, Zaqueu o viu e voltou para casa cheio de alegria". Mas não acontece assim. Quem quer ver é visto. Quem olha de cima para baixo é olhado de baixo para cima. Quem pretende ver furtivamente é visto ostensivamente. Aos movimentos oculares correspondem movimentos corporais que trazem Zaqueu para o centro da cena.

A. Movimentos oculares

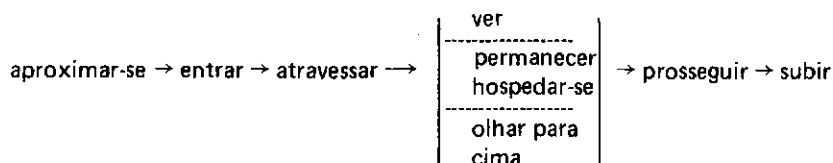


B. Movimentos corporais

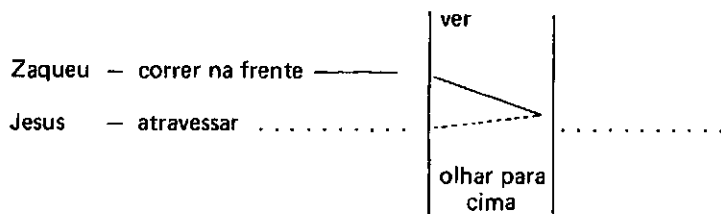


A seqüência intercalada dos movimentos é *subir — ver do alto — olhar para cima — descer*. O foco da narração projeta-se então todo sobre Zaqueu, colocado agora diante de Jesus e da multidão. Isto suscita, da parte de Jesus, uma interrupção do seu itinerário a caminho de Jerusalém; da parte da multidão, uma tomada de posição a seu respeito.

O ver e o ser visto de Zaqueu interrompem a viagem de Jesus. O texto de Lucas omite qualquer alusão a um possível projeto de Jesus de fazer uma parada em Jericó, antes de ter visto Zaqueu. Lc 18,35 fala de Jesus aproximando-se (*eggizô*) de Jericó. Em 19,1, temos Jesus entrando na cidade (*eiserchomai*) e atravessando-a (*dierchomai*). O ver (*idein*) interrompe uma marcha que é retomada em 19,28s — “seguia adiante subindo para Jerusalém”. Assim temos uma sucessão perfeita de verbos de movimento seccionada pelo ato de ver.



O esquema anterior (cf. pag. anterior), correspondente ao plano de Zaqueu e, possivelmente, ao de Jesus, pode ser atualizado assim:



(e) O *anablepô* (olhar para cima) de Jesus tem sobre Zaqueu o efeito de abrir-lhe os olhos e fazê-lo ver os pobres e aqueles a quem defraudara (Lc 19,8)⁷. Quando sua cegueira é superada, o rico Zaqueu reconhece a origem de sua riqueza e escolhe uma via radical para pôr-se

⁷ Jesus havia dado a vista ao cego (*typhlos*), encontrado à beira do caminho, ao se aproximar de Jericó (Lc 18, 35-43). O homem havia suplicado e Jesus o atende ordenando, com autoridade: vê! — *anablepso* (v.42). O episódio do encontro com Zaqueu sucede ao episódio do encontro com o cego. Lucas usa, no encontro de Jesus com Zaqueu, o mesmo verbo *anablepô* usado no encontro com o cego. — Em Lc 18, 35-43, *anablepô* é usado 3 vezes: no pedido do

em dia consigo mesmo. "Eis, a metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres. E, se defraudei a alguém, de algo, restituo o quádruplo" (19,8)⁸.

Zaqueu submete-se, sem pestanejar, ao preceito da *Torah* (Lei), no tocante aos que ele, eventualmente, defraudara. O quádruplo poderia indicar tratar-se de roubo. No caso dos pobres, dando a metade de seus bens, Zaqueu pretende restituir a tantos quantos lesara, cujos nomes não podem mais ser exatamente precisados⁹.

cego (18,41), na ordem de Jesus (18,42) e na constatação do narrador (18,43). Em Lc 19,1-10, *anablepô* é usado uma única vez. *Anablepô* tem conotação diferente nos dois casos. *Ana*, no caso do cego, acrescenta a *blepô* a idéia de recomençar; no caso de Zaqueu, a idéia de direção de baixo para o alto. Os dois usos são, em si, independentes. Todavia, a nível narrativo, podemos encontrar convergência de sentidos nos dois casos. Zaqueu, como o cego, de certa forma, re-adquire sua visão. O cego queria ver a Jesus, mas não podia por causa de sua cegueira. Zaqueu quer ver quem é Jesus, mas não pode por causa de sua baixa estatura. É Jesus quem vê o cego, e ordena seja trazido à sua presença (18,40). É Jesus quem vê Zaqueu, a quem ordena descer depressa do sicômoro. As convergências, pois, são múltiplas. — Em que sentido Zaqueu era cego? Certamente, não falamos de uma cegueira física no caso de Zaqueu e sim de uma cegueira muito pior, a cegueira espiritual. Em Lc 19,2, Zaqueu foi caracterizado como *plousios*. O rico "não vê" seu semelhante, por isso não tem escrúpulos de fraudá-los, lesá-los, extorquir-lhes, roubar-lhes, garantindo apenas seus interesses pessoais. Importa enriquecer, mesmo às custas do empobrecimento dos outros. O rico, de fato, não faz distinção de pessoas. O outro, seja quem for, é sempre uma vítima potencial de sua ganância. Os pobres alinham-se entre suas vítimas mais fáceis. Por não ter como defender-se, a cegueira egoísta dos ricos os atinge em cheio.

⁸ O Antigo Testamento comporta dois diferentes tipos de restituição. A *primeira* refere-se ao roubo praticado contra outrém. A restituição, neste caso, será na proporção de quatro por um, cinco por um. Assim diz Ex 21,37: "Se alguém roubar um boi ou uma ovelha e o abater ou vender, restituirá cinco bois por um boi e quatro ovelhas por uma ovelha". Davi encolerizado ordena tal tipo de sanção (2 Sm 12,6) quando Natã concluiu sua parábola sobre o rico usurpador da única ovelhinha do pobre (2 Sm 12,1-4). A *segunda* previa apenas a adição de um quinto do valor defraudado e referia-se à fraude praticada contra o Senhor. "Se alguém cometer uma ofensa e pecar por inadvertência reduzindo os direitos sagrados de lahweh... restituirá aquilo que o seu pecado reduziu no direito sagrado, acrescentando-lhe o valor de um quinto..." (Lv 5, 15s). O mesmo preceito é estabelecido em Nm 5,6-7, sempre em relação aos pecados "pelos quais se ofende a lahweh".

⁹ Quando Lucas caracteriza Zaqueu, no v.2, está já encaminhando o desfecho da narrativa. O v.2 comporta dois enunciados de estado — *architelônês* e *plousios*. *Architelônês* (chefe dos cobradores de impostos) prepara um outro enunciado de estado — *huios Abraam* (filho de Abraão) (v.9). *Plousios* (rico) pre-

(f) Zaqueu "desejava ver quem era Jesus" (19,3), mas a única vez que se dirige a Jesus o chama de *kyrios* (Senhor) (19,8). A passagem de Jesus a *Senhor* pode indicar um caminho de fé percorrido por Zaqueu paralelamente ao outro caminho físico-corporal, desde o *protrechô* (correr na frente) (v.4) até o *hypodechomai* (receber, acolher como hóspede) (v.6). O desejo de Zaqueu, deste modo, é realizado e ele chega a "ver" quem, de fato, é Jesus¹⁰.

Seria ir longe demais ver na palavra de Zaqueu uma explícita confissão de fé ou mesmo deduzir que tenha seguido a Jesus, como acontecera com o cego da perícopes anterior (18,43). Parece-nos, porém, justo ver na palavra de Zaqueu uma resposta discreta à questão (*tis*) posta no v.3. A resposta vem na forma de uma confissão de fé velada, na qual o verdadeiro *tis* (quem) de Jesus é reconhecido.

Podemos esquematizar assim o "ver" de Zaqueu:

para o enunciado de ação do v.8, onde se fala em *dar e restituir*, insistindo-se sobre a quantidade: metade, quatro vezes. A riqueza de Zaqueu, o chefe dos publicanos, encontrará sua verdadeira função. — Os elementos organizam-se, no texto, de maneira *quiasmica*:

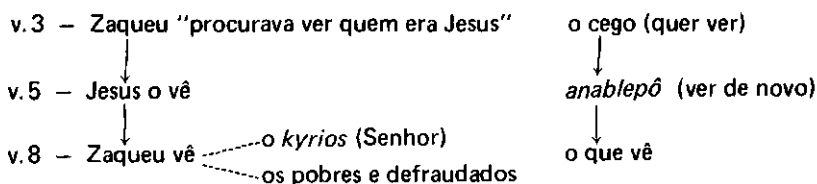
V. 2 - a chefe dos publicanos
b rico

V. 8 - b' a metade... dou ... restituo o quádruplo

V. 9 - a' filho de Abraão

A relação "chefe dos publicanos" — "rico", implícita no início da perícopes, pode ser estabelecida agora, pois, a partir da transformação de Zaqueu, o leitor conta com todos os elementos necessários para fazê-lo.

¹⁰ O vocábulo *kyrios* (Senhor) aparece duas vezes em Lc 19,8. O narrador, a nível metanarrativo, refere-se a Jesus como *kyrios* — "Zaqueu disse ao Senhor". É a expressão da fé do narrador. A palavra *kyrios* é posta na boca de Zaqueu, quando este faz a declaração de sua conversão efetiva. "Eis, a metade dos meus bens, *kyrie*, eu dou aos pobres..." — Dos Evangelistas, Lucas é quem faz uso mais freqüente do vocábulo *kyrios* — 103 vezes. Mt usa-o 80 vezes, Mc 18 vezes e Jo 51 vezes. Lucas tende a colocar a forma vocativa *kyrie* na boca dos discípulos (cf. 5, 8; 9, 54; 10, 17; 11, 1; 17, 37; 22, 33.38.49), e na boca de não-discípulos (9, 61; 10, 40; 12, 23; 18, 41). Zaqueu (19, 8) coloca-se nesta pequena lista. Lucas, seja nos textos exclusivos seja em textos da tradição reelaborados, refere-se a Jesus como *kyrios* (cf. 7, 13.19; 10, 1.39.41; 11, 39; 13, 15; 17, 5.6; 18, 6; 19, 8; 22, 61). — O título *kyrios* diz respeito a Jesus Ressuscitado e é expressão da fé da Igreja no senhorio daquele que o Pai ressuscitou e a quem deu "todo o poder no céu e sobre a terra" (Mt 28, 18). Chamar Jesus de Senhor é mover-se no âmbito da fé (cf. At 2, 36; 1 Co 12, 3; Rm 10, 9; Fl 2, 11).



II. JESUS

“Quando passou pelo lugar, Jesus olhando para o alto...” (19,5). O olhar de Jesus apresenta-se de modo inesperado e adianta-se ao olhar de Zaqueu. O leitor esperaria que Jesus, simplesmente, passasse sob o sicômoro e continuasse sua viagem em direção a Jerusalém. O narrador, por sua parte, furta-se de explicar como Jesus sabia da presença de Zaqueu entre os ramos do sicômoro e de onde sabia seu nome. Tendo visto Zaqueu, Jesus “autoconvêda-se” para uma breve estadia na casa do chefe dos publicanos.

(a) O olhar de Jesus é descrito com o verbo *anablepô* (aqui: “olhar para cima”, mas também pode significar “ver de novo”)¹¹. Além de relacionar, a nível lexicográfico, Lc 19,1-10 com a perícopes anterior (18,35-43), onde tudo acontece ao redor de *anablepô* (ver de novo), o uso deste verbo chama a atenção para a dupla vertente da ação messiânica de Jesus, na qual se incluía a *anablepsis* (restituição da visão). A primei-

¹¹ Lc 4, 17ss pode ajudar-nos a compreender Lc 19, 5. Quando, na sinagoga de Nazaré, dão a Jesus o rolo do profeta Isaías (Is 61,1-2), lê-se ter sido o “Cristo” (*echrisen me*) enviado para “restituir a vista aos cegos” — *typhlois anablepsin*. — *Anablepsis* aparece uma única vez no Novo Testamento, exatamente em Lc 4,18. *Anablepô*, porém, é usado 25 vezes no Novo Testamento: Mt 3 vezes, Mc 6 vezes, Lc 7 vezes, Jo 4 vezes e At 5 vezes. Em 4 ocasiões, *anablepô* é usado, em Lc, no sentido de recobrar a visão (7,22; 18,41.42.43) e, em 3 ocasiões, no sentido de olhar para o alto (9,16; 19,5; 21,1). (a) Lc 7,21 constata o fato de Jesus ter concedido a “muitos cegos” (*typhlois pollois*) a graça de ver (*echarisato blepein*). O versículo seguinte é a mensagem enviada por Jesus a João Batista, através dos discípulos deste, baseando-se em Is 35, 5-6; 42,7; 26,19; 61,1, em clara conexão com Lc 4,17ss. Jesus manda dizer a João: “... os cegos recuperam a vista”. Este era o sinal de sua condição messiânica, segundo a crença da época. Quando o Messias chegasse, ele abriria os olhos dos cegos. Lc 18,35-43 — o cego de Jericó — é o único relato de cura de cegueira no evangelho de Lucas. (b) *Anablepô*, em 19,5, pode ser tomado no sentido fluído de olhar para o alto e fazer recobrar a visão. O mesmo não acontece com 9,16 e 21,1. Jesus, em Lc 9,16, “levanta os olhos para os céus”, antes de realizar a multiplicação dos pães e dos peixes. Jesus, “levantando os olhos, viu os ricos lançando ofertas no tesouro do templo”, é a cena descrita em 21,1.

ra vertente diz respeito à cegueira físico-corporal, superada com o *anablepô* (ver de novo, voltar a ver) ordenado por Jesus, no caso do cego. A segunda toca um nível mais profundo: que os indivíduos saiam de seu mundo fechado — cegueira espiritual¹² — e estabeleçam relações fraternas com seus semelhantes. Em Zaqueu, este tipo de cegueira foi superado pelo *anablepô* (olhar para cima) de Jesus.

Portanto, o *anablepô* do v.5 é importante, no nível narrativo, tanto para determinar os fatos seguintes, quanto para revelar o aspecto messiânico do personagem Jesus.

(b) O aspecto messiânico do “olhar” de Jesus é indicado também pela forma verbal *dei* (é necessário)¹³, cujo uso em Lc 19,5 é intrigante. Por que Jesus afirma “pois hoje é *necessário* que eu fique em tua casa”, se nada do que foi dito anteriormente, indica intenção de fazer uma pausa em Jericó no caminho para Jerusalém, nem tampouco um projeto de Zaqueu de vê-lo (cf. Lc 9,9; 23,8)?

O modo como Jesus se dirige a Zaqueu indica algo de seu conhecimento sobre ele, embora sem tê-lo visto antes. Jesus chama-o pelo nome e lhe dá ordens peremptórias a respeito de sua estadia. Isto só é compreensível num contexto de relação interpessoal de profunda amizade, pois Zaqueu recebe as ordens de Jesus com alegria. O *conhecer*, para Jesus, independe, pois, do *ver*.

Um foco de tensão entre Jesus e a multidão nasce deste fato. No

¹² Este tema da cegueira espiritual está notoriamente presente nos evangelhos. Basta citar Mt 23,16ss, onde Jesus, sem meios termos, chama os fariseus de “cegos” e “guias de cegos”. Ou então, Jo 9 onde a cura do cego de nascença dá margem a um feroz debate entre o homem curado e os fariseus-judeus re-fratários diante da afirmação de quem dizia ter sido curado por Jesus. O cego, no final, vê e confessa sua fé em Jesus Cristo (Jo 9,35-38), enquanto os fariseus são reduzidos à cegueira, isto é, à rejeição de Jesus Cristo (Jo 9,39-41). “Se fôsseis cegos não teríeis culpa; mas dizeis: Nós vemos! Vosso pecado permanece” (v.41).

¹³ Lucas usa a forma verbal *dei* (é necessário) 18 vezes, Mt 8 vezes, Mc 6 vezes e Jo 10 vezes. Nos Atos dos Apóstolos, ela é empregada 22 vezes. Quando foi encontrado no templo, discutindo com os doutores, Jesus diz a seus pais: “Não sabíeis que me é *necessário* ocupar-me com as coisas do meu Pai?” Em 4,43, Jesus afirma ser necessário (*dei*) anunciar o evangelho a outras cidades, “pois para isto fui enviado”. Sua paixão, morte e ressurreição também colocam-se no contexto deste *dei* (17,25; 24,7), como o próprio ressuscitado explica aos discípulos de Emaús: “Ó insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso (*dei*) que o Cristo sofresse tudo isto e entrasse em sua glória?” (24,25s).

pensar dos circunstantes, Jesus não sabia "quem era" Zaqueu. Se o soubesse teria evitado hospedar-se com ele. O *pantes* (todos) do v.7, não fazendo explícita exclusão dos discípulos, dá a entender que também estes murmuravam por causa da decisão inopinada do Mestre. Jesus parece escandalizar até seus fiéis seguidores. O *dei* (é necessário) não parece justificar-se.

Supondo sua ignorância em relação a Zaqueu, ninguém entende o gesto de Jesus. Afinal, quem sabe "quem é Zaqueu": Jesus ou a multidão? O texto joga com dois diferentes graus de expressão da verdade a respeito de Zaqueu. Estes graus podem ser esquematizados assim:

(a) ser + aparecer = verdadeiro

(b) ser + não aparecer = escondido ou secreto

(a) Jesus parece estar de acordo com a multidão quanto ao primeiro aspecto. A multidão chama Zaqueu de "homem pecador" (v.7) e Jesus refere-se a ele como "perdido" (v.10). Esta porém é apenas uma parte, o aspecto superficial da verdade de Zaqueu; o que aparece.

(b) Jesus conhece o ser profundo de Zaqueu, o que não aparece aos olhos da multidão — "ele é Filho de Abraão" (v.9). O *homem pecador e perdido* é também *filho de Abraão*. A verdade do comportamento (evidente), Jesus contrapõe a verdade do ser profundo (escondida). Daí se pode entender em que consistiu a mudança na vida de Zaqueu depois do "olhar" de Jesus. O Zaqueu transformado deixa transparecer, através de gestos concretos, sua verdade profunda, superando a defasagem entre *ser* e *agir*. O agir de Zaqueu não é mais o agir de um pecador-perdido. O aparecer do nível (a) corresponde agora ao ser do nível (b). O gesto de Zaqueu (v.8) oferece elementos suficientes para uma mudança de juízo a seu respeito.

Dissemos, anteriormente, que ao narrador interessava apenas o aspecto sócio-econômico de Zaqueu. A palavra de Jesus (v.9) mostra a outra face da moeda, o aspecto religioso, até então escondido. O *chefe dos publicanos rico* é também *filho de Abraão*. O "olhar de Jesus" vai além das aparências e vê aquilo que o simples "olhar humano" é incapaz de perceber.

Jesus sabia, pois, "quem era" Zaqueu que "queria ver quem era Jesus". Jesus conhece a identidade do chefe dos publicanos, por isso vai hospedar-se com ele. É a ocasião propícia para fazer germinar a salvação (*sôtêria*) no coração do pecador-perdido. Jesus tinha motivos para dizer "hoje é necessário (*dei*) que eu fique em tua casa" (v.5). O *dever* (*dei*) decorria do *saber*.

Eis um quadro comparativo das modalidades de ação dos personagens de Lc 19, 1-10:

ZAQUEU	— <i>quer</i> ver quem é Jesus mas não <i>pode</i>	— QUERER — PODER
JESUS	— <i>sabe</i> quem é Zaqueu por isso <i>deve</i> acolhê-lo	— SABER — DEVER
TODOS	— <i>sabem</i> que Zaqueu é pecador <i>não sabem</i> que Zaqueu é Filho de Abraão <i>não sabem</i> quem é Jesus por isso <i>não podem</i> entender o gesto de Jesus	— SABER — SABER — SABER — PODER

O fato de ter visto Zaqueu não foi mero acaso, mas correspondia ao projeto de Deus em relação a Jesus, na sua condição de Messias enviado para "dar vista aos cegos", e em relação a Zaqueu a quem a salvação é oferecida. Jesus, simplesmente, submete-se ao *dei* (é necessário) correspondente à vontade de Deus, conhecida só por ele. O olhar de Jesus dirigido a Zaqueu é um olhar qualificado, a ser entendido no contexto de sua missão. É um olhar salvífico. É um olhar que está nos planos de Deus.

(c) O final da perícopes sugere também o tema da visão. Após ter declarado a presença da salvação na casa de Zaqueu e sua condição de filho de Abraão (v.9), uma palavra de Jesus conclui a narração: "De fato, o Filho do Homem veio procurar (*zêtein*) e salvar o que estava perdido" (v.10).

A ação de procurar supõe atividade visual¹⁴, embora exija o empenho de todo o corpo. Os olhos não exercem um papel exclusivo, mas o olhar tem lugar de destaque na dinâmica da procura, como guia do corpo, e permite ao indivíduo reconhecer o que ele procura, quando o encontra. Mesmo privado da visão, o homem pode "procurar". Neste caso, a sensibilidade tátil, olfativa ou auditiva substituirão a função da

¹⁴ *Zêtein* aparece 25 vezes em Lc, 14 em Mt, 10 em Mc. Lucas usa também o composto *ana-zêtein*. Em Lc 2,44.48, encontramos Maria e José aflitos procurando o filho Jesus. Quando o localizam, no templo, ouvem dele a pergunta enigmática: "Por que me procuráveis (*ezêteite*)?" (2,49) Como Zaqueu, Herodes "*ezêtei idein*" — procurava ver a Jesus (9,9). O tema da procura diligente aparece em 15,4-7 (parábola da ovelha perdida) e em 15,8-10 (parábola da dracma perdida). A missão do Filho do Homem, que veio "procurar e salvar o que estava perdido" (19,10), coloca-se na linha destas parábolas ditas "da misericórdia" (Lc 15).

sensibilidade visual. A procura, nestas circunstâncias, far-se-á com dificuldade e fadiga.

O Filho do Homem veio "procurar". Está implícita aí a idéia de que veio aplicar sua visão na busca do homem "perdido", como fizera a mulher em relação à dracma perdida ou o pastor em relação à sua ovelha desgarrada (cf. Lc 15, 1-10). O olhar do Filho do Homem, colhendo Zaqueu sentado entre os ramos do sicômoro, é o olhar de quem procura, para encontrar, onde quer que seja, quem se perdera.

III. A MULTIDÃO

Zaqueu vê. Jesus vê. A multidão também vê. "Vendo (*idontes*), todos murmuravam dizendo..." (19, 7).

A multidão vê o que? Por que murmura? Todos vêem Jesus ir hospedar-se na casa de Zaqueu e ser recebido com alegria (v. 6). O murmúrio, com seu componente de indignação, revolta e censura, acontece porque, na visão de todos, Zaqueu é um "homem pecador", indigno da honra de hospedar Jesus. O "ver" desencadeia uma nova ação.

Lucas fala de *ochlos* (multidão), no v. 3, e de *pantes* (todos), no v. 7. A função narrativa de *ochlos* (multidão) é de impedir Zaqueu de avizinhar-se de Jesus. Zaqueu "não podia ver por causa da multidão" (v. 3). O *pantes* (todos), por sua vez, pretende ser empecilho para Jesus, na realização de sua missão salvífica. Se dependesse do *pantes* (povo), Jesus não teria entrado (*eiserchomai*) na casa e na vida de Zaqueu, para fazer a salvação aí acontecer (*ginomai* — v. 9). Tanto Zaqueu quanto Jesus superaram os respectivos obstáculos.

A passagem de *ochlos* a *pantes* supõe, ainda dois tipos de progressão — quantitativa e qualitativa — que estabelecem a diferença entre os dois vocábulos. Sob o aspecto quantitativo, o *pantes* inclui *ochlos* + discípulos, perfazendo a totalidade dos circunstantes. Sob o aspecto qualitativo, o *ochlos* (multidão), do v. 3, tem um papel passivo e o fato de ser empecilho para Zaqueu não corresponde a uma ação premeditada. O resultado é consecutivo (inconsciente, imprevisto). O *pantes* (todos), do v. 7, ao contrário, tem função ativa. Eles murmuram, falam e fazem um juízo de valor a respeito de Zaqueu. Se a ação do *pantes* tivesse surtido efeito e evitado o encontro amistoso entre Jesus e Zaqueu, o resultado seria causal (consciente, previsto, desejado).

O texto sublinha, desta forma, a incapacidade do *pantes* de reconhecer — *ver*: (1) Jesus como salvador — portador da salvação que veio para salvar (v. 9); (2) Zaqueu em processo de transformação, onde ser e agir religioso tendem a confluir.

Para podermos entender o significado do "ver" em 19,7 é preciso reportar-nos a 18,43. Em 18,35-43, encontramos três personagens: o cego, a multidão (*ochlos* — v.35; *laos* (povo) — v.43) e Jesus. O cego, uma vez curado, põe-se a seguir a Jesus, glorificando a Deus (v.43a). O povo-multidão havia repreendido o cego, ordenando-lhe que se calasse. Este, para vencer a repressão, viu-se forçado a gritar cada vez mais alto, implorando a piedade de Jesus (v.38). O v.43 representa uma mudança total na relação cego-povo-Jesus. Passa-se da censura ao cego ao louvor a Deus, por causa de Jesus, ao ver (*idôn*) o que acontecera ao cego (v.43b).

A mesma multidão, no episódio de Zaqueu, não mais louva e glorifica, mas murmura e acusa. Eis um quadro comparativo:

		multidão — povo — todos ver	
18,35-43	cego	Palavra de Jesus: Vê! ação do cego: seguia-o glorificando a Deus	reação da multidão: deu glória a Deus
19,1-10	Zaqueu	Palavra de Jesus: (olhando para cima) devo ficar em tua casa ação de Zaqueu: recebeu-o com alegria	reação da multidão: murmuravam

O paralelismo existente entre os dois episódios passa despercebido aos olhos da multidão. Tratar-se-iam de dois casos diversos, quando, na verdade, os pontos de convergência são tantos. Em ambos os casos: (a) trata-se da cura de cegueira, uma física, outra espiritual; (b) manifesta-se o poder messiânico de Jesus e sua missão é cumprida; (c) o cego segue Jesus e glorifica a Deus; Zaqueu acolhe Jesus em sua casa, com alegria. Jesus torna-se presença significativa seja na vida do cego, seja na vida de Zaqueu. Porém, o caso de Zaqueu requeria dose maior de sensibilidade para ver o que se passava. A cura do cego era mais *vistosa* e seu aspecto maravilhoso mais evidente. A profecia de Isaías cumpria-se, aparentemente, num caso e não no outro. A multidão, recusando-se a mudar seu juízo a respeito do chefe dos publicanos, perde a oportunidade de "ver" o milagre realizado nele e glorificar a Deus, como aconte-

cera no caso do cego.

Os papéis são invertidos. Quando Zaqueu se torna capaz de ver, a multidão torna-se cega. Quando Jesus abre os olhos de Zaqueu, os olhos da multidão fecham-se. O texto de Lucas conclui-se mantendo a multidão na cegueira. O evangelista poderia ter incluído, após o v. 10, uma reação positiva da multidão diante das palavras elucidativas de Jesus, a respeito de sua missão. Com esta omissão, Lucas poderia estar sugerindo que a multidão entrava "cega" em Jerusalém e, em estado de cegueira, participaria do desenrolar dos fatos¹⁵.

Comparando a reação da multidão frente a Zaqueu e frente ao cego de Jericó, podemos chegar às seguintes conclusões em relação ao ver:

(a) O ver é precário se limitado à exterioridade (dimensão físico-corporal), incapaz de ir além e atingir a interioridade (dimensão psico-espiritual), ou seja, ir do objetivo ao subjetivo, do superficial ao profundo. Jesus vê Zaqueu como "filho de Abraão". Zaqueu vê em Jesus o *kyrios* (Senhor) com sua exigência de conversão. A multidão limita-se à exterioridade e vê em Zaqueu apenas "um homem pecador". Como o narrador omite uma conclusão em sua narrativa, fica em aberto a reação definitiva da multidão diante do caso de Zaqueu. O leitor é chamado a intervir.

(b) O ver é não ver quando incapaz de superar preconceitos. Jesus olhou a Zaqueu sem preconceitos, apesar de ser rico e chefe dos publicanos, e o ganhou para Deus. Zaqueu olha a Jesus sem preconceitos, por isso chega à conversão e à fé. E a multidão, foi capaz de superar seu preconceito em relação a Zaqueu e aceitar que também ele era digno de ser acolhido por Jesus e partilhar da salvação oferecida a todos os homens?

¹⁵ A multidão que ouve Jesus, no templo, com enlevo (19,48), gera temor em quem deseja deitar as mãos sobre Jesus (20,19) e madruga para ouvir o Mestre (21,38), é a mesma que acompanha o traidor (22,47), conduz Jesus diante de Pilatos (23,1 todo o povo — *hapan to plêthos*; cf. 19,37), o acusa (23,2), rejeita a libertação de Jesus proposta por Pilatos (23,13) exigindo a crucifixão (23,21ss). A multidão *olha* Jesus pregado na cruz — "o povo (*ho laos*) parado olhava" (23,35), e presencia sua morte — "e toda a multidão (*pantes hoi... ochloi*) que havia ocorrido para o espetáculo (*epi tēn theōrian tautēn*) vendo (*theōrésantes*) o que havia acontecido..." (23,48). A última referência à multidão mostra-nos um gesto desencadeado pelo fato de "ver". Trata-se da continuação de 23, 48: "batendo no peito retiravam-se" Este gesto conotaria conversão? Neste caso, poderia sugerir também recuperação da visão. — A cegueira apossou-se também dos discípulos, incluídos no *pantes* (todos) de 19,7. Só após a Ressurreição "seus olhos se abriram" (Lc 24, 31).

(c) O ver é ilusão quando o olhar é programado para ver apenas o que o indivíduo projeta ou deseja ver e não o que acontece diante de seus olhos. Jesus, apesar do *dei* (é necessário), não parecia ter previsto encontrar-se com Zaqueu naquelas circunstâncias. Mas, vendo-o, chama-o e hospeda-se em sua casa. Zaqueu não esperava ser visto por Jesus. Porém, uma vez visto, é capaz de acolhê-lo, com grande alegria, na própria casa. A multidão, "programada" para ver apenas os milagres extraordinários de Jesus, não se dá conta do grande milagre operado, de modo inesperado, na vida de Zaqueu.

(d) A visão do maravilhoso-extraordinário, por si só, não dá ao indivíduo suficiente sensibilidade para discernir o miraculoso acontecido dentro de parâmetros ordinários. A multidão, tendo visto a cura do cego e louvado a Deus, não foi sensível para perceber o maravilhoso acontecido pouco depois. Com relação a Jesus, a cura do cego não preparou a multidão para dar-lhe um voto de confiança numa atitude imprevista sua. O mesmo Jesus que levou a multidão ao louvor é agora objeto de censura.

Resumindo, a questão de Zaqueu a respeito da identidade de Jesus — *tis estin* (quem é?) v.3 — torna-se uma questão a respeito da identidade de todos os personagens da perícope. O leitor, no final, fica sabendo quem é Jesus, quem é Zaqueu e, de certo modo, quem é a multidão. Ou melhor, "vê quem é" Jesus, Zaqueu e a multidão.

O narrador, a multidão e o próprio Jesus falam de Zaqueu. O narrador afirma que Zaqueu é chefe dos publicanos e rico (v.2). A multidão afirma que ele é pecador (v.7). Jesus assevera que ele é Filho de Abraão (v.9). O juízo do narrador é de caráter sócio-econômico; o da multidão é de caráter ético-teológico; o de Jesus é de caráter messiânico-soteriológico.

Em relação a Jesus, temos uma indicação na palavra do narrador, outra na palavra de Zaqueu e outra ainda na palavra do próprio Jesus. O narrador e Zaqueu referem-se a Jesus com o título de *kyrios* (Senhor — v.8). Referindo-se a si mesmo e à sua missão, Jesus usa o título de *Filho do Homem* (v.10). Ambas as expressões são de caráter messiânico-escológico.

Tanto em relação a Jesus quanto em relação a Zaqueu, observamos uma progressão na descoberta da identidade:

início	Jesus	Zaqueu — chefe dos publicanos — rico
secção média		pecador
final	Senhor Filho do Homem	Filho de Abraão

É possível ir além das declarações explícitas e “ver quem é” Jesus e Zaqueu em suas palavras e ações.

Nenhum juízo sobre a multidão é feito pelo narrador, por Jesus ou por Zaqueu. Fica a critério do leitor responder a questão: “quem é a multidão?” e desvendar sua identidade. Para tanto dispõe apenas do v. 7.

IV. O NARRADOR

É também possível falar de um “olhar” do narrador. Este descreve a cena na qualidade de espectador. Sua descrição, porém, é comedida, assemelhando-se a uma fotografia que capta o fato na pureza de sua expressão. Nenhuma palavra trai a reação do evangelista a favor ou contra os personagens. A ambientação da cena (vv. 1-4), o v. 6 (Zaqueu executa a ordem de Jesus) e os elementos que interligam as falas dos personagens são de sua autoria. O núcleo da narração é o que os personagens dizem. Lucas, parcimonioso, omite-se de ir além da palavra de Jesus e descrever, p. ex., a reação da multidão diante da palavra do Mestre — contestação? aceitação pacífica? arrependimento? — ou então, uma ulterior atitude de Zaqueu — seguimento? tornou-se discípulo? A perícope conclui-se de maneira quase seca, com a palavra de Jesus pairando no ar. O que tem grande força narrativa, por deixar o discurso aberto, inacabado. Concluí-lo é função do leitor, a partir dos elementos oferecidos pelo narrador. Colocando, na boca de Jesus, a palavra final, o narrador estaria indicando ser Jesus, em última análise, o hermeneuta de toda a perícope. Esta deve ser lida sob o ponto de vista indicado por Jesus¹⁶.

O olhar do narrador pode ser percebido nas entrelinhas. O autor não pretende ser imparcial e neutro na sua narração. Sua posição já foi tomada nas primeiras linhas de sua obra. Lucas pretende apresentar ao

¹⁶ Casos semelhantes de narrativas com final aberto, concluídas com uma palavra de Jesus, encontramos em Lc 7,36-50; 10,29-37; 10,38-42; 12,13-21; 13,22-30; 17,11-19, etc.

"ilustre Teófilo" os fatos referentes a Jesus, de modo a poder verificar "a solidez dos ensinamentos sobre os quais foi instruído (= catequisado — *katêchêthês*)" (Lc 1,4). O evangelho lucano visa, pois, a fé de um indivíduo, símbolo de toda uma comunidade cristã. Quando Lucas narra, ele faz catequese e preocupa-se com a fé. Seu olhar narrativo de crente é teológico.

Quais seriam, em grandes linhas, as feições do Jesus "visto" pelo narrador? "Quem é Jesus" para Lucas, em Lc 19,1-10? Jesus é o Senhor, o Filho do Homem, o Messias exercendo sua missão salvífica em relação aos que estavam perdidos — *to apolôlos* — a quem veio buscar e salvar. O Messias Jesus conhece, pelo nome, os destinatários de sua missão e não receia conviver com tais indivíduos marginalizados pela sociedade. Jesus vai além das aparências e vê no "pecador" e "perdido" um filho de Abraão. A presença de Jesus é motivo de conversão profunda, transformação radical na vida dos indivíduos. Assim, a salvação acontece. Jesus é livre a ponto de mudar seu programa quando encontra um *apolôlos* (perdido), sem se deixar levar por preconceitos sociais. A Jesus importa apenas realizar a vontade de Deus — *dei* (é necessário). Tudo o mais se subordina ao projeto divino. Jesus veio trazer salvação — *sôtêria* — e sua única preocupação é fazer a salvação acontecer. Não importa quando, como, nem onde.

V. O LEITOR

Tratando-se de evangelho com finalidade catequética, a dinâmica do "ver" supera os limites da facticidade do narrado e do narrador para exigir do leitor que também "veja" a cena — contemplação — e tome posição diante dos fatos — decisão de fé. A natureza da narração recusa qualquer olhar indiferente.

Sendo evangelho, a narração sugere ao leitor deter-se na pessoa de Jesus — o que diz e o que faz. O Jesus de Lc 19,1-10 é modelo de misericórdia e atenção para com os pecadores e rejeitados da sociedade. Mas o leitor poderá deter-se também na figura de Zaqueu, seu esforço para "ver quem é Jesus" e sua conversão decidida. E a multidão? Com o pouco que se diz a seu respeito, pode ser contemplada como modelo antitético, isto é, modelo daquilo que não devemos fazer, pois parece estar em aberta contradição com a atitude de Jesus.

O olhar do leitor deve conduzi-lo a decisões existenciais. O texto não as sugere. Porém, depois de contemplar — "ver" — a cena, o leitor não pode ser o mesmo, como Zaqueu não é mais o mesmo depois de ter visto quem era Jesus. A contemplação deve levar à ação. O "ver" (*idein*) levou Zaqueu ao dar (*didômi*) e ao restituir (*apodidômi*). E o leitor?

ANEXO

Lc 19, 1-10: tradução literal

¹E entrando, Jesus atravessava Jericó. ²E eis um homem chamado Zaqueu de nome; ele era chefe dos publicanos e ele era rico. ³E procurava ver quem é Jesus e não podia por causa da multidão, porque era de baixa estatura. ⁴Correndo na frente, subiu num sicômoro para vê-lo, pois estava para atravessar por ali. ⁵Quando passou pelo lugar, *olhando para cima*, Jesus disse-lhe: "Zaqueu, depressa, desce, pois hoje devo ficar em tua casa". ⁶Ele desceu depressa e o recebeu com alegria. ⁷*Vendo*, todos murmuravam dizendo: "Ele entrou para hospedar-se com um homem pecador". ⁸De pé, porém, Zaqueu disse ao Senhor: "Eis, a metade dos meus bens, Senhor, eu dou aos pobres. E se defraudei algo de alguém restituo o quádruplo". ⁹Disse-lhe Jesus: "Hoje a salvação aconteceu nesta casa, porque também ele é filho de Abraão. ¹⁰De fato, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que está perdido".

Jaldemir Vítório S.J. é bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da PUC/RJ. Licenciado em ciências bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Professor de exegese na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, Belo Horizonte, MG.

Endereço: Caixa postal 5047 — 31611 Belo Horizonte - MG